

## APRESENTAÇÃO

A Revista Eletrônica Arma da Crítica tem a satisfação de tornar público seu segundo número de 2019, composto por 10 artigos que tratam de diversas questões que dizem a nosso respeito. Dentre os artigos, há dois internacionais, de autores estrangeiros: um deles trata de problemas relativos à Bolívia; o outro, ao México. Mas este número torna-se especial porque homenageia uma intelectual cuja trajetória vinculou-se, teórica e praticamente, a uma militância em benefício da classe trabalhadora: Lívia Cotrim.

“Destruidora de ilusões burguesas”: é com essa expressão de Marx que Ana Cotrim e Vera Cotrim iniciam o texto relativo à homenagem que fazem à sua mãe, Lívia Cotrim. Essa expressão, explicam as filhas de Lívia, Marx cunhou-a em referência à luta de classes explicitada pelas revoluções de 1848 e 1849, em que se tornou evidente que o operariado configura-se na classe mortalmente inimiga da burguesia. Tais revoluções, embora fracassadas, constituíram o primeiro momento histórico na ordem do capital em que a classe trabalhadora – batida, mas não abatida, nas palavras de Marx – mostrou-se forte, revelando que a luta deve caminhar para além das ilusões burguesas.

Essa adjetivação feita por Ana e Vera Cotrim à sua mãe responde muito bem pelo que significou a luta da cientista social e marxista Lívia Cotrim, que, além de somar-se à luta dos trabalhadores contra as profundas iniquidades produzidas por esse sistema sociometabólico sobre a humanidade, fez-se presença marcante na vida de muitas pessoas. Lívia Cotrim, como poucos intelectuais, jamais abandonou a perspectiva da revolução, jamais deixou de olhar para o horizonte da superação do capital. Por isso, lembram suas filhas: “Toda a sua trajetória intelectual mostra a finalidade de retomar, aprofundar e colocar na ordem do dia esse significado da obra de Marx”, que é a instauração de uma sociedade autenticamente humana que inaugurará o fim da pré-história da humanidade.

Para nossa tristeza, entretanto, Lívia encontrou-se com o “nosso estranho destino sobre a terra”<sup>1</sup> no dia 14 de agosto, deixando saudades por ter se retirado desta vida tão

---

<sup>1</sup> Vide *O Auto da Compadecida*, de Ariano Susassuna.

precocemente, aos sessenta anos. Se seu corpo teimasse em viver mais um tempo, ela teria completado mais uma primavera no dia 27 de novembro.

A grandeza de Lívia Cotrim acompanhou-a por toda a vida, até nos momentos mais difíceis. Ela viria a Fortaleza ministrar um curso para professores e alunos interessados na perspectiva do marxismo e da transformação radical da sociabilidade burguesa, curso que seria ministrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Esse curso teria início em 14 de agosto. Sua viagem de São Paulo para Fortaleza foi comprada para o dia 13, com a saída de Guarulhos às 23:25 e a chegada em Fortaleza às 02:50 da madrugada do dia 14. O retorno estava marcado para o dia 17 do mesmo mês.

Sentindo-se impossibilitada dado a seu estado de saúde, Lívia Cotrim solicitou o adiamento do curso para setembro e o cancelamento daquela viagem. Mas o bilhete já tinha sido emitido. Preocupada, Lívia Cotrim, em meio à fragilidade de sua saúde, chegou a dizer que se não fosse possível a remarcação da passagem, ela viria “assim mesmo”. Mas teria sido possível remarcar para setembro, se não fosse o triste fato de que seu corpo desistira de viver no dia em que ela iniciaria o curso em Fortaleza naquele triste 14 de agosto. Pessoas grandes são assim mesmo: não há dor nem sofrimento que as façam esquecer de seus semelhantes. Por isso, “Se um dia chegarmos à liberdade”, escrevem Ana e Vera Cotrim no texto que homenageia Lívia Cotrim e que se encontra publicado neste número, teremos contado com a participação ativa de sua mãe, que se fez mãe de muitos filhos.

Endossando essa homenagem, a Revista Eletrônica Arma da Crítica oferece a Lívia Cotrim o poema de Goethe em que o poeta afirma: “Há homens [e mulheres] que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis”. Agradecemos a Lívia Cotrim pelo que ela foi e pela grande porção de humanidade que ela deixou.

Em meio a essa homenagem, publicamos como contribuição especial um artigo de sua autoria intitulado “A autorreforma da ditadura militar: a reiteração da autocracia burguesa”. Salientamos que a publicação desse trabalho não teria sido possível se não fosse o valioso esforço de seu marido e também professor Ivan Cotrim para encontrar, em meio às produções da autora, um artigo que ainda não tivesse sido publicado.

No artigo acima mencionado, Livia Cotrim discorre sobre o processo que instaurou e pôs fim à Ditadura Militar no Brasil, sem a superação, como não poderia ser diferente, das matrizes socioeconômicas que a sustentaram. Afirma Cotrim que a transição do modelo ditatorial para o democrático é concomitante à mundialização do capital e marcou “o encerramento do processo particular de objetivação do capitalismo industrial brasileiro – a via colonial – sem romper com sua subordinação ao capital externo e sem solucionar o desafio de integrar econômica e politicamente a massa da população trabalhadora”. Pelo contrário: a democracia não constitui o horizonte da luta, pois, “apesar de terem sido afastados os componentes mais truculentos do período ditatorial, o estado brasileiro preservou seu característico caráter autocrático, como o forte aparato repressivo e o tratamento policialesco dos movimentos sociais”, tendo em vista que o Estado atende desde o início aos interesses do capital para a extração do sobretrabalho.

Dando prosseguimento a esta apresentação, o próximo artigo, “Programas de educación sexual de las instituciones de gestión social y su efectividad. Potosí (Bolivia)”, das autoras Mara García Rodríguez, M<sup>a</sup> Dolores Fernández Malanda e Carmen Palmero Cámara, traz uma análise acerca do funcionamento das instituições de gestão social que são dependentes do Estado boliviano, mais especificamente, a cidade de Potosí, com o intento de averiguar quais são os recursos reais destinados pelo Governo a essa cidade economicamente mais influente do país. As autoras afirmam que os programas educativos obrigatórios não chegam à maioria dos centros escolares da cidade, menos ainda aos centros escolares da área rural.

No próximo artigo, “Los factores de transformación para el desarrollo sostenible en la comunidad indígena Purépecha en Mexico”, seus autores Renato Alves Vieira de Melo e José María Hernández Díaz destacam a cultura e a educação ambiental como importantes áreas do conhecimento para buscar, no limite, o chamado desenvolvimento sustentável, tomando como *locus* de pesquisa a comunidade indígena Purépecha da cidade de Cherán, no México, povo que vem lutando para fortalecer valores, língua e costumes próprios em contraposição à sociabilidade burguesa, que tudo destrói.

O artigo “Desde Hegel, o proletariado e o comunismo em Marx”, de Rodrigo Francisco Maia, traz como objeto de estudo uma discussão acerca do processo que leva à independência do pensamento político formulado por Marx. Para tanto, Maia faz uma

exposição de alguns aspectos do pensamento político de Hegel, tem em vista fundamentar os debates que serão tratados a partir de Marx, especialmente no que concerne aos temas do Estado e da sociedade civil. Maia perpassa algumas obras de Marx para tornar evidente que a identificação dos limites das lutas políticas e dos limites do pensamento filosófico em torno de Hegel permitem a Marx a formulação de uma análise sobre a realidade, bem como de uma crítica ao movimento político e filosófico de sua época, visto que Marx, diferentemente de Hegel, elaborou uma teoria que partiu do chão da história e está umbilicalmente vinculada a uma nova perspectiva social, o comunismo.

Em “Marx: dialética, trabalho e conhecimento”, Vanessa Mariano de Castro parte da investigação acerca das categorias dialética, trabalho e conhecimento, presentes na obra de Marx, cuja centralidade recai sobre o trabalho. Castro ressalta também o papel importante dos intérpretes quanto ao aprofundamento dessa teoria tão fundamental para a compreensão da situação da classe trabalhadora, posto que fundamenta o movimento de superação da atual sociabilidade, fundada na exploração de classe, para a instauração de outra sociabilidade que possibilite a humanização da própria humanidade.

No artigo “A educação na perspectiva da emancipação do trabalho em *O Capital* de Karl Marx”, Osmar Martins de Souza traz uma discussão acerca da educação na perspectiva da emancipação do trabalho nessa obra Marx, buscando abstrair o que se constitui a contribuição deste pensador revolucionário para a formação/educação do trabalhador na atual sociabilidade capitalista. Souza analisou a relação entre o trabalho e a educação na sociabilidade do capital para demonstrar qual a natureza e a função que a educação pode assumir na perspectiva da emancipação do trabalho no processo de luta para a superação das atuais relações sociais, considerando que a atividade educativa possibilita a apropriação do conhecimento da realidade social que instrumentalize a classe trabalhadora na luta contra o capital.

No artigo “Mészáros: a educação e o processo de internalização”, seu autor, Argus Vasconcelos de Almeida, faz uma análise, seguindo o caminho deixado por Mészáros, acerca de como se dá, na sociedade capitalista, o processo operado pela educação quanto à internalização e seu oposto, a contrainternalização, das ideias e dos valores gerados e transmitidos pela sociabilidade burguesa para as novas gerações. No primeiro caso, o da internalização, a educação cumpre uma função primordial de introjetar nas consciências dos indivíduos as ideias da classe dominante como se tais ideias fossem da própria

sociedade. No segundo caso, há que se considerar que, dialeticamente, a educação pode cumprir uma função antagônica ao que lhe é posto, embora caminhe a passos muito lentos nesse sentido. É fundamental na análise de Mészáros, o que é reiterado por Almeida, é que a emancipação humana não pode ser efetivada se não houver uma revolução social que suplante a atual forma de sociabilidade, o que é tarefa do trabalho, mas que a educação, dado ao caráter de autonomia relativa, pode contribuir porque é *locus* imprescindível para oferecer aos indivíduos o conhecimento concreto da realidade objetiva.

O artigo “Sobre o Neoliberalismo (Parte I): contribuições de Dardot e Laval – antes de Hayek...”, de Iael de Souza, procura elucidar as mudanças operadas no sistema do capital em escala planetária que culminaram com a elaboração do neoliberalismo, que, por sua vez, antecede, em certo sentido, ao próprio Hayek. A autora discorre sobre essa questão, demonstrando que uma nova forma de intervencionismo propriamente liberal é forjada para que o Estado, enquanto complemento jurídico-político essencial do sistema do capital, cumpra eficazmente o papel que lhe é posto na luta de classes, qual seja, gerenciar a sociedade tendo em vista a reprodução e a acumulação capitalistas.

No artigo “O Compromisso Todos Pela Educação: o projeto de educação da burguesia para os trabalhadores”, Yohana Graziely de Oliveira Buczek e Analéia Domingues trazem uma discussão acerca da educação como um complexo que cumpre função primordial no processo de reprodução das relações sociais. Analisando o Movimento Todos pela Educação e o projeto educacional oriundo desse movimento, discutem as parcerias entre o sistema público e o privado como estratégia da burguesia para manter sob controle a educação destinada aos filhos dos trabalhadores. Referido movimento constitui desde sua gênese um projeto dos empresários para adequar a educação pública brasileira aos ditames do mercado.

Por fim, o último artigo “A arte como estratégia de luta para a emancipação humana”, de Lenha Aparecida Silva Diógenes, Josefa Jackline Rabelo e Cristiane Porfírio, busca analisar o lugar da arte enquanto estratégia no processo de luta da classe trabalhadora contra a sociedade regida pela exploração do homem pelo homem. Apontam as autoras que a arte, enquanto importante fonte ontológica de análise do real, tem possibilitado a produção de conhecimentos indispensáveis para o processo de humanização e de fortalecimento da classe trabalhadora, ainda que o acesso a esse

conhecimento, na sociabilidade capitalista, seja restrito a uma parcela do conjunto da humanidade.

Considerando a importância dos artigos aqui publicados de pôr em relevo questões fundamentais referentes ao que somos e ao que podemos ser, finalizamos esta apresentação tomando de empréstimo as palavras de Marx proferidas em 9 de março de 1854 numa Carta ao Parlamento do Trabalho: “a classe trabalhadora conquistou a natureza; resta agora conquistar o homem”. Oxalá tenhamos essa sorte! Todavia, se a classe trabalhadora não conquistar o homem? E se a humanidade não escolher a alternativa do socialismo, a luta terá valido a pena? Recorremos ao poeta português Fernando Pessoa para responder: “Tudo vale a pena, se a alma não é pequena!”. Que nossas almas sejam grandes, muito grandes, como o fora a de Livia Cotrim!

Fortaleza, 08 de dezembro de 2019

*Helena de Araújo Freres*